



Nem rio nem lago: o Guaíba é único

Jornal da Universidade / 3 de junho de 2024

Artigo | Demetrio Luis Guadagnin, do departamento de Ecologia, defende que, ao se reconhecer o Guaíba como um ecossistema aquático único, se reflita sobre conservação, riscos do uso desordenado e custos das diferentes opções de gerenciamento

*Foto: Marcelo Pires/JU

Que tal se o Guaíba for um rio com um lago ao redor, ou um lago com um rio no meio? E agora? Mais um cientista para confundir em vez de esclarecer? Ciência é construção de conhecimento, que no seu cerne se baseia no saudável ceticismo – aprendemos desafiando nossas ideias, em vez de nos convenceremos com qualquer uma que concorde com nossos pré-conceitos. Então, vamos nos desafiar, refletir, agora a partir da Ecologia e um pouco mais de epistemologia.

“Rio” e “lago” são conceitos que criamos para interpretar o mundo. “Ecossistema” também. Só existem na nossa mente. Uma taxonomia de ecossistemas aquáticos que admite apenas duas categorias – rio ou lago – é demasiado simplificada para dar conta da diversidade e complexidade do mundo.

As peculiaridades de cada ecossistema aquático são tantas que até hoje não temos teorias capazes de agrupar rios e lagos em categorias consistentes ou diferenciá-los de forma inequívoca. Mas ainda assim elas são úteis, porque permitem que reconheçamos em cada ecossistema em particular quais são as suas peculiaridades.

O Guaíba tem um fluxo predominantemente longitudinal e uma planície de inundação típica de muitos rios de planície, com as quais ele troca fauna, flora, energia e materiais. Tem um canal central onde predominam processos erosivos. Na sua maior extensão, o Guaíba tem caráter deposicional, forma gradientes verticais de temperatura e apresenta fauna típica de lagos. O vento, não apenas a corrente, influencia a dinâmica das águas e as respostas da fauna e flora, como em muitos lagos. Para complicar, já foi diferente no passado e será diferente no futuro.

Então? Rio ou lago? No nosso tempo, um pouco de cada.

Gostaria de simplificar, mas a resposta não está em classificações simples. Precisamos entender o Guaíba, como ele é. Entender que enchentes e estiagens fazem parte da sua dinâmica e que elas prestam serviços ecossistêmicos – fertilizam planícies, produzem peixes, produzem água potável, proporcionam espaços de lazer e inspiração sem a necessidade de sair da cidade, tudo de graça, democraticamente. São apenas alguns exemplos.

Mas então, como cumprimos a legislação ambiental, que determina regras diferentes para rios e lagos? Mais importante, como fazer para que o Guaíba nos proporcione benefícios em vez de riscos? Se a legislação e a sua aplicação fossem como a ciência, elas diriam que o Guaíba deve ser protegido até onde é prudente fazê-lo, não até onde uma classificação obriga. Prudente significa coerente com os benefícios que desejamos auferir, os riscos que estamos dispostos a correr e o preço que estamos dispostos a pagar.

Precisamos entender que benefícios se tornam riscos quando não entendemos como o Guaíba funciona e então fazemos escolhas insensatas. Muito estrago já foi feito. A conta, conforme repetidamente avisado, chegou. Não tem como escapar. Entender o Guaíba como Guaíba, como um ecossistema único, complexo, que muda com o tempo, que pode proporcionar riscos e benefícios, vai reduzir custos daqui para frente. E quem sabe recuperar pelo menos parte do que o Guaíba é e será para cada um.

Demetrio Luis Guadagnin é professor do departamento de Ecologia da UFRGS.

As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.

:: Posts relacionados



O debate sobre o gerenciamento de recursos hídricos



De volta à rotina após as enchentes



Carta aos leitores | 05.06.24



Receita catastrófica: desmonte do Estado com mudanças climáticas

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



Movimento de plataformação do trabalho docente



O Direito e a prevenção de desastre ambiental



Atuação do NESA-IPH frente às inundações



A presença negra num bairro riograndino



Carta aos leitores | 06.06.24



A cultura Hip Hop expressa sua coletividade em espaços que demarcam sua presença no RS



Impercepção botânica na política ambiental



Árvores podem aliviar deslizamentos e enchentes

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8. andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

View on Instagram